

MEMÓRIA, ESPAÇOS, LUGARES: INTERSECÇÕES NO POEMA NARRATIVO “PRATO AZUL-POMBINHO”

Andréa Figueiredo Leão Grants¹

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado
antes que o Tempo passe tudo a raso.
É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre
atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia
e folclore de nossa terra.
(Cora Coralina)*

RESUMO: Enfocando as principais intersecções entre os conceitos de memória, ruína e museu, o presente trabalho pretende estudar o processo de criação poética de Cora Coralina tomando como base as leituras de três textos presentes no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, com ênfase no poema “O prato azul-pombinho” no qual se pode perceber a relação entre o desejo de memória, o ato de colecionar e a memória dos locais e objetos.

33

PALAVRAS-CHAVE: Ruínas. Memória. Museu. Cora Coralina

MEMORY , SPACES , PLACES : INTERSECTIONS IN THE NARRATIVE POEM “PRATO AZUL- POMBINHO”

Abstract: Focusing on the main intersections between memory concepts, ruin and museum, this paper aims to study the process of poetic creation of Cora Coralina building on the readings of three presents texts in the book *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, with emphasis on poem "O prato azul-pombinho" in which one can see the relationship between the desire of memory, the act of collecting and the memory of places and objects.

Keywords: Ruins. Memory. Museum. Cora Coralina

¹ Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Para entender melhor o conceito de ruína é necessário resgatar sua origem: o tempo. A ruína possui a dimensão de passado e futuro e, nesse caso, o tempo é o que está por trás como pano de fundo. O tempo também é um marcador simbólico forte e revelador no estado de ser do sujeito lírico presente na poesia de Cora Coralina. A compreensão da obra de Cora Coralina perpassa pela apreensão da dimensão histórica de um passado revisitado pela memória da autora.

Vários são os aspectos que resultaram em impressões que marcam a escritura coralínea como, por exemplo, a saída da antiga capital de Goiás para São Paulo aos 21 anos de idade e o retorno, após 45 anos, à cidade natal. Regresso associado ao desejo de reclusão na antiga casa da ponte (local onde nasceu em 1889), somados ao anseio pessoal de recolher, acolher e acumular obras e anotações.

Esses fatores compõem o cenário, a atmosfera ideal e idealizada pela poetisa para escrever e organizar seu primeiro livro *Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, publicado aos 76 anos de idade. Britto (2009, p. 33) destaca que no processo criativo:

[...] a autora acumulou dezenas de cadernos e folhas esparsas, com poemas, contos, desabaços, relatos do cotidiano, anotações de gastos caseiros etc. Se pautando em livros de história, matérias de jornais, causos e lendas, ou nos fatos que presenciou em sua infância.

Sobre o desejo de colecionar, retoma-se à citação de Walter Benjamin (2011, p. 235) “Bem-aventurado o colecionador” para trazer à luz a inquietação acerca do desejo de colecionar, desejo este que o próprio Benjamin se rendeu e escreveu um discurso sobre o colecionador. Nesse texto, Benjamin se propõe a desvendar não à coleção propriamente dita e sim a arte de colecionar, o desejo, a paixão que está relacionada com as lembranças. Ainda segundo o autor “De fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças.” (BENJAMIN, 2011, p. 228). Cora Coralina compartilhava com Benjamin a arte de colecionar na medida em que moveu o moinho do tempo, voltou à sua cidade natal, escolheu a casa onde nasceu para morar, recolheu-se em meio aos seus papéis, objetos e escavou o seu passado para se dedicar a sua obra poética. Benjamin destaca que:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (BENJAMIN, 2011, p. 239).

Celso Araújo (1977) reproduz uma fala de Cora Coralina na qual a autora expressa que seu regresso à Casa Velha da Ponte preenche a lacuna interna de isolamento, insulamento, desejo de afastamento e, especialmente, de libertar-se das amarras sociais, dos compromissos familiares (casamento, criação dos filhos) que a impediam de abrir as portas do pensamento criativo e exercer plenamente o seu direito à escrita. Ao realizar seu intuito, a poetisa buscava escavar seu passado na antiga cidade de Goiás, junto aos seus, aos costumes, aos becos e igrejas revolvendo as camadas das memórias, pois “[...] a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas”. (BENJAMIN, 2011, p. 239). Nesse processo de escavação, o tempo da memória para Cora Coralina é a infância.

A Casa Velha da Ponte, datada de 1770, juntamente com os objetos colecionados criam o ambiente, o cenário de destroços e ruínas necessários para a expressão artística de Cora Coralina, para que sua arqueopoesia² aflorasse. A velha casa que *a posteriori* tornou-se museu é o espaço escolhido por Cora para realizar seu processo de escavação e realizar sua obra. Sobre esse aspecto, Britto (2009, p. 31) registra que “[...] a maior e melhor parte de sua obra foi efetuada após seu reencontro com a cidade de Goiás, quando reescreveu e registrou as relações – de um passado que vivenciou e/ou que ouviu contar – travadas em sua terra natal.”.

No contexto que associa o retorno às origens com o ato de colecionar e escavar as memórias é que este estudo se propõe trazer à luz, no poema em prosa “O prato azul-pombinho”, os limites, as tensões entre a memória e o processo criativo, confrontando-os e estreitando as afinidades existentes, pois, como afirma Carvalho (2005, p. 41), “A atmosfera de um objeto são ‘as recordações’ que o objeto oferece ao observador”.

² Para Almeida (2012), Arqueopoesia é o vínculo entre memória e imaginação.

MUSEU, RUÍNA, MEMÓRIA

Para se refletir acerca do tempo é preciso retomar algumas peculiaridades inerentes deste, por exemplo, a capacidade de fazer com que o homem presente, inserido no seu tempo possua uma visão menos acessível do tempo presente se comparado ao homem que se encontra distanciado anacronicamente, uma vez que este é capaz de reviver o passado com amplitude de visão, particularmente auxiliada por acervos museológicos e suas diferentes coleções. Carvalho (2005, p. 41) destaca que “O observador, no museu, tem a claridade e a ‘transparência’ do homem em voo [...]”, ou seja, o observador no museu consegue descortinar e apreciar sob o ponto de vista simultâneo todo o contexto.

Carvalho (2005, p. 42) complementa que “Não que o passado na época em que ele aconteceu, tenha tido um valor particularmente importante, pois uma dada época só adquire valor apreciável, visível depois de se tornar passada, depois de figurar como coleção de um museu.” A organização de objetos residuais em um museu propicia o encontro sentimental do arqueólogo com o passado e, sob esse aspecto, é possível pensar a ruína, pois assim como casas, paisagens, corpos, os objetos são passíveis de arruinamento, passam por metamorfoses que levam às ruínas.

Os objetos em si contam suas histórias especialmente quando dispostos, arranjados em um museu. Este traz a memória imbuída na confluência de tempos, passado que foi seu futuro e futuro que é seu passado. Atualmente o acervo da poetisa está ancorado no Museu Casa de Cora Coralina, inaugurado em 20 de agosto de 1989 passado pouco mais de três anos do falecimento da poetisa. O museu abriga-se na antiga casa, e a casa antiga tornou-se peça do museu. Trata-se de uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que preserva objetos pessoais, manuscritos, livros, fotos, datiloscritos, utensílios domésticos, roupas, móveis, dentre outros.

Para Romero (2012, p. 18), na maioria dos museus:

[...] o objeto, por estar afastado de uma suposta origem que ele tenta representar, tanto no tempo quanto no espaço, ou porque esta origem é realmente inapreensível, promove um discurso que só pode ser repetição ou diferimento em relação a esta origem. Esta origem é sempre mítica, pois não pode nunca mais ser vivida como experiência.

O desejo de representação definitiva do passado torna os museus quase uma obsessão humana, ou seja, o desejo de reunir o passado, colecionar lembranças, expor os testemunhos materiais e os objetos de cunho sentimental e cultural estão na origem do surgimento dos museus. As ruínas, enquanto testemunho, transmitem a história e a tornam lembrada – “[...] as ruínas permanecem como sustento e garantia da memória [...]” (ASSMANN, 2011, p. 334).

Apesar disso, Romero (2012, p. 18) nos lembra que, nesse anseio pela apropriação do passado, “Não se leva em conta a impossibilidade de se reviver o passado e o fato de que estes acervos e discursos são apenas simulacros que guardam em si fragmentos ou ‘rastros que restam’ de uma pretensa origem.”

Assim sendo, o desejo de resguardar a memória vivida é incompatível com o reviver dessa memória. Essa incompatibilidade existente no museu traz um tom de melancolia a esse tipo de local, tendo em vista que a dualidade existente entre a possibilidade de se retomar o passado por meio da apreensão das imagens museológicas anda de mãos dadas com a impossibilidade de se retornar efetivamente no tempo desse passado.

Aleida Assmann (2011) aborda a questão da memória dos locais. Para essa autora, a memória dos locais é aquela memória suportada em mídias e que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos. “Assim como os objetos de uma coleção, também os locais são ‘mediadores entre passado e presente’; [...] são mídias da memória; apontam para um passado invisível e preservam o contato com ele.” (ASSMANN, 2011, p. 352).

Igualmente, a autora complementa que objetos materiais remanescentes tornam-se elementos de narrativas e, com isso, elementos importantes para a formação da memória cultural. “O que dota determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família.” (ASSMANN, 2011).

Salienta-se que o objeto desta análise que intitula o poema selecionado e que é tema do mesmo – o prato azul-pombinho – encontra-se, parcialmente destruído, em exposição no Museu Casa de Cora Coralina juntamente com os cacos de louça que restaram e os primeiros manuscritos, rascunhos da poesia. O Museu Casa de Cora Coralina tornou-se um espaço cultural da recordação da vida e obra da poetisa, e os

fragmentos do imponente prato azul-pombinho, sem dúvida, são um importante objeto dessa recordação.

Figura: Prato Azul-Pombinho em exposição no museu



Fonte: <http://www.eravirtual.org/cora_br/>

38

PRATO AZUL POMBINHO

Para se analisar o poema proposto é preciso, contudo, evocar dois outros textos, a saber: “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “Nota”. O primeiro, um poema em prosa, introduz, prepara o leitor para conhecer “O Prato Azul-Pombinho”, e o segundo apresenta o desfecho explicativo de parte da história contada.

A “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” apresenta ao leitor a trajetória percorrida pelo aparelho de jantar de 92 peças – “Enorme. Pesado, lendário.” (CORALINA, 2006, p. 50), que migrou da China para Goiás, numa viagem que durou 16 meses e 22 dias, por ocasião da encomenda feita pelo senhor Cônego para o casamento de seu sobrinho e afilhado.

*O cônego-tio e padrinho
pelo visto, relatado,
fazia gosto naquele matrimônio.
E o aparelho era para as bodas contratadas.*

[...]

*E o antigo carro
por ano e meio quase
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira
rechinando
por caminhos e atalhos,
vilas e cidades, campos, sarobais.
Atravessou rios em balsas.
Vadeou lameiros, tremedais.
Varou Goiás – fim de mundo.
Cortou o sertão de Minas.
O planalto de São Paulo.*

*Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia
em Caçapava –
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –
ali por volta de 1860 e tantos.
Durou essa viagem, ir e voltar,
dezesesseis meses e vinte e dois dias.
– As bodas em suspenso.
(Estória do Aparelho Azul-Pombinho, 2008, p. 42-43).*

39

Sobre a origem desse tipo de louça, Machado (1983, p. 95) afirma que “Com a denominação curiosa de ‘azul-pombinho’ são conhecidas entre nós as louças inglesas em meia-porcelana, normalmente em azul, cuja decoração é baseada na lenda chinesa do salgueiro, árvore sempre presente na decoração dessa louça.” O autor de *Antiguidades do Brasil* revela que a louça é fabricada na Inglaterra desde 1858 e que em função da sua decoração oriental lembra as famosas porcelanas de Macau, o que provoca erroneamente confusão sobre sua origem. Equívoco percebido nos versos finais, nos quais a poetisa enfatiza:

Toda essa estória

*Por via de um aparelho de loiça da China,
Destinado a Goiás.
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
Embarcado num veleiro
No porto de Macau.
(Estória do Aparelho Azul-Pombinho, 2006, p. 54).*

Origens contraditórias à parte, o que se acentua é que as figuras estampadas na louça (maças, árvores, pombos, ponte etc.) relembram uma curiosa lenda do folclore chinês. Lenda está retratada em “O Prato Azul-Pombinho” pela voz lírica a partir das recordações das histórias contadas por sua bisavó e recontada nas linhas poéticas. Limiares entre ficção e biografia da poetisa. Pequeno trecho:

*Minha bisavó
traduzia com sentimento sem igual,
a lenda oriental
estampada no fundo daquele prato.
Eu era toda ouvidos.
Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
com todos os sentidos,
aquela estória da Princesinha Lui,
lá da china – muito longe de Goiás –
que tinha fugido do palácio, um dia,
com um plebeu do seu agrado
e se refugiado num quiosque muito lindo
com aquele a quem queria,
enquanto o velho mandarim – seu pai –
concertava, com outro mandarim de nobre casta,
detalhes complicados e cerimoniais
do seu casamento com um príncipe todo-poderoso,
chamado Li.
(Prato Azul-Pombinho, 2006, p. 68).*

Publicado em 1965, o livro de estreia da poetisa intitulado *Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais* apresenta em seu sumário, de maneira não sequencial, porém de certo modo cronológico, os três poemas: “Estória do aparelho Azul-Pombinho” (p. 49), “O Prato Azul-Pombinho” (p. 66) e “Nota” (p. 75).³ Juntos, os textos narram resumidamente: a chegada do aparelho de jantar azul-pombinho a Goiás; a quebra do exemplar remanescente do aparelho com a conseqüente punição; e o fim do tradicional castigo dos cacos quebrados no pescoço.

É importante evidenciar que, apesar da completude total da obra estar associada aos três textos, os mesmos podem ser lidos separadamente sem o comprometimento da compreensão intelectual. Desse modo, vale aqui concentrar o foco na história da pequena menina narradora (eu lírico) que sonhava com as aventuras românticas da Princesinha Lui e que, injustamente, sofre castigo sendo acusada de ser a responsável pelo aparecimento do prato quebrado.

O “Prato Azul-Pombinho” é considerado um poema épico, pois se caracteriza por apresentar a estilística da prosa em toda a extensão do texto, além da presença de personagens e de enredo com certas doses de ação.

*Minha bisavó - que Deus a tenha em glória -
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.*

*Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava, invariavelmente,*

³ Paginação referente a 22ª edição (2006), 1ª reimpressão (2009) do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*

*depois do caso esmiuçado:
“- Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.
(Prato Azul-Pombinho, 2006, p. 66).*

As linhas poéticas nos revelam um texto carregado de representações de classes sociais, um passado senhorial, patriarcal, racial, com severas segregações aos direitos e desejos infantis. Observa-se, inclusive, o resgate da tradição oral de contar histórias traduzidas no poema em prosa e a presença de linguagem simples, coloquial.

Vale frisar que parte da criação poética de Cora Coralina evidencia a aproximação do eu lírico com o outro, com os excluídos socialmente, marginalizados, oprimidos. Isso é percebido também em “O Prato Azul Pombinho” a partir da exposição do tratamento diferenciado que era aplicado às crianças à época e representado pelo ser lírico.

42

*Por indução e conclusão,
era eu mesma que tinha quebrado o prato-azul-pombinho.*

*Reuniu-se o conselho da família
e veio a condenação à moda do tempo:
uma boa tunda de chineladas.*

*Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor
E o castigo foi comutado
para outro, bem lembrado, que melhor servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo indeterminado,
amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.*

(Prato Azul-Pombinho, 2006, p. 73).

Essa conduta poética revela-se igualmente em outros textos de sua autoria, como *Mulher da Vida*, *Menor Abandonado* e *Oração do Presidiário*, só para citar alguns. Existe uma multiplicidade de “eus” disposto a abarcar os desprovidos social e economicamente. Para Camargo (2004, p. 16)

O poeta assume uma identidade outra que não a sua, incorporando a dor, o sofrimento, a solidão, a angústia e o desespero do “outro” ante a sociedade moderna para preencher a própria solidão interior que também perpassa a vida dos poetas modernos. A exemplo de Pessoa e de Baudelaire, Cora Coralina também resgata para o âmbito da poesia a multidão e o pária social, dentre eles, a prostituta, “mulher da vida” que vive a perambular pelos becos a espera de algum homem disposto a desfrutá-la tal como um objeto.

Cora Coralina reflete, autobiograficamente em seus versos, vários grupos sociais ao relatar fatos presentes numa memória coletiva. Nesse sentido, a poetisa registrou, por meio do resgate memorialístico, os modos e costumes de uma época revelando, por assim dizer, o contexto social, econômico e histórico goiano e brasileiro.

Seus textos são verdadeiras tramas que envolvem questões relacionadas ao gênero, à disputa de poder, aos costumes escravagistas, trazendo à tona elementos para a constituição de reflexões críticas. Importantes referências históricas como, por exemplo, as práticas comuns ao tempo da escravidão carregadas de preconceito e opressão que se fazem presente na obra coralineana. Especialmente, destaca-se o ato de alforriar escravos como parte do ritual do casamento, um costume da época é registrado pela poetisa no excerto abaixo.

Por amor e grandeza desse fasto
– casamento da sinhazinha Honória
com o sinhô-moço Joaquim Luís –
dois velhos escravos, já pintando,
receberam chorando
suas cartas de alforria.

Ficou mais, assentado e prometido
em palavra de rei testemunhado,
que o crioulinho
que viesse ao mundo
com o primogênito do casal
seria forro sem tardança na pia batismal.

E se criaria em regalia
com o senhorzinho,
nato fosse ele, em hora e dia.

(*Estória do Aparelho Azul-Pombinho*, 2006, p. 45).

Ainda sobre a questão da abordagem histórica calcada em procedimentos conservadores, a obra coralineana traz à superfície condutas que desmitificam a infância edificada por outros escritores:

[...] sobretudo, pelos românticos e por muitos poetas do século XX, que reiteradamente tomam essa idade como um espaço privilegiado com o qual o artista pode manter uma correspondência feliz, em detrimento ao ingrato presente. Assim, enquanto para poetas como Casimiro de Abreu, Manuel Bandeira e Mario Quintana, a infância, ainda que inventada, é o paraíso perdido, o tempo para sempre amado, o espaço por excelência da saudade, para Cora Coralina, ela não constitui normalmente um reduto de felicidade, de amor e de saudade, de modo que a poeta, a exemplo de Graciliano Ramos em *Infância*, subverte o mito da meninice feliz e saudosa. (YOKOZAWA, 2005, p. 12).

Percebe-se que em “O Prato Azul-Pombinho”, Cora enfatiza a infância triste diante do castigo injustamente aplicado:

*Dizia-se aquele, um castigo atinente,
de ótima procedência. Boa coerência.
Exemplar e de alta moral.*

*Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
Depois, me acostumei com aquilo.*

No fim, até brincava com o caco pendurado.

Também é interessante registrar que o texto “Nota” oferece ao leitor um texto em prosa, no qual o ser lírico nos reconta a estória contada pela bisavó sobre como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço por meio da morte de uma menina que, após castigada, teve o pescoço cortado.

O texto possui forte ligação com o anterior e isso fica explicitado nas últimas linhas “Foi assim, com o sacrifício da menina Jesuína, desaparecendo em Goiás o castigo exemplar do colar de cacos quebrados no pescoço. Quando chegou a minha vez já era só um caco.” (CORALINA, 2006, p. 78).

Em suma, ao retornar à Casa Velha da Ponte, Cora reencontra a infância e a retrata nas linhas poéticas. Infância, por vezes, recordada como tempo triste, contada melancolicamente sem saudosismo. Por vezes, a memória de Cora Coralina está associada a algum local ou objeto, como observado em “O Prato Azul-Pombinho”, poema central da tríade poética. O objeto em si detona o gatilho para as lembranças contadas por sua bisavó, para a ludicidade e para a curiosidade infantil no envolvimento com a estória da princesinha Lui.

A presença marcante do objeto memorialístico – “- Cuidado com esse prato! / É o último de 92.” (CORALINA, 2006, p. 70) e que por esse fato recebia lugar de destaque sendo usado apenas em dias especiais de festas, objeto que sobressaía nas mesas goianas, sendo guardado e resguardado “Tornava a relíquia para o relicário / que no caso era um grande e velho armário, / alto e bem fechado.” (CORALINA, 2006, p. 71) – forma retratos de uma época em que as crianças não tinham voz e sofriam pesados castigos. Castigos que marcaram a poetisa que os guardou “[...] no armarinho da memória, bem guardado, / e posso contar aos meus leitores, / direitinho, / a estória, tão singela, / do prato azul-pombinho.” (CORALINA, p. 74).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adris André de. As raias da memória e da imaginação em Manoel de Barros. Florianópolis, 2012. 180 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.
- ARAÚJO, Celso Pires. O pensamento de Cora Coralina. Jornal de Brasília, 1977.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação. São Paulo: Ed. Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BRITTO, Clovis Carvalho. Escritora e escritura: faces do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Kelps, 2009.

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista.

In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 19., 2004, Porto

Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Abralic, 2004. p. 1-21. Disponível em:

<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6KqIq4S-](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6KqIq4S-W6kJ:www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=321+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)

[W6kJ:www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=321+&cd=2&hl=pt-](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6KqIq4S-W6kJ:www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=321+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)

[BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6KqIq4S-W6kJ:www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=321+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 18 dez. 2013.

CARVALHO, Flavio de Rezende. Os ossos do mundo. Rio de Janeiro: Antiqua, 2005.

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. São Paulo: Global, 2006.

MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho. Antiguidades do Brasil. Rio de Janeiro:

Celsus, 1983.

ROMERO, Fernando Antônio da Silva. Museu do museu: uma crítica do registro da

Guerra do Contestado em Santa Catarina. Florianópolis, 2012. 302 p. Tese (Doutorado)

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

Programa de Pós-Graduação em Literatura.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. Confissões de Aninha e Memória dos Becos.

Textos poéticos. v. 2, 2005. Disponível em:

<http://www.textopoetico.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59

[Itemid=18](http://www.textopoetico.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59)>. Acesso em: 18 dez. 2013.

